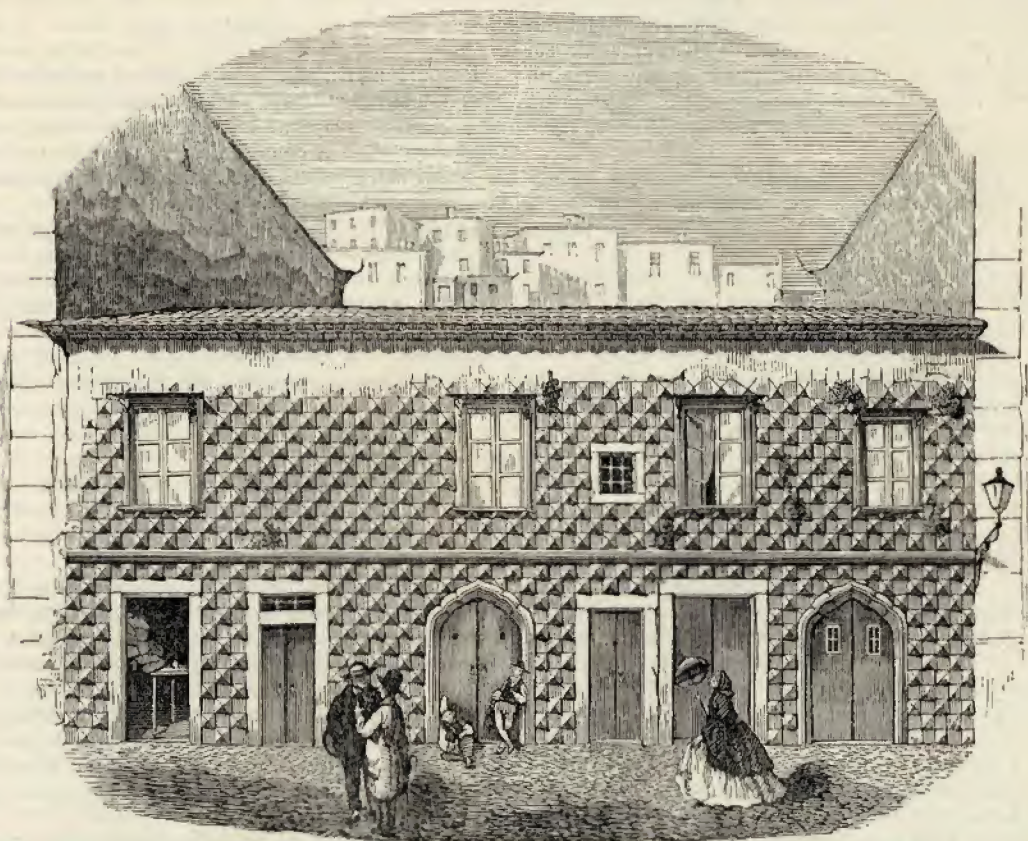
LISBOA VELHA E LISBOA NOVA

Casa dos Bicos — Desenho de Nogueira da Silva

Ora não se perca a casa dos Bicos!
ANEXIM POPULAR.

I

Tem as cidades, como as familias, suas alcunhas, que o rolar dos seculos vae puindo até que de todo as apaga. Quando os antiquarios, que são os genealogicos das cidades, querem fazer a arvore de costado das povoações antigas, esbarram com alcunhas já transformadas em appellidos, cuja origem se esconde no denso nevoeiro das lendas e tradições oraes, a que não ha atinar certo com a ponta do fio quebrado desde muitos seculos.

Tal acontece a muitos sitios e monumentos da velha Lisboa. E não só aos que nos tem sumido os terremotos, anniquilado a acção do tempo, varrido o sopro dos melhoramentos materiaes, e demolido o alvião municipal, senão tambem aos que ainda subsistem de pé, embora mutilados, a gemer pelas fendas e bojos que ameaçam a completa destruição d'esses macrobios de pedra e cal.

Mas nenhum d'esses caducos edificios, hoje monumentos, ainda que fossem insignificantes na sua mocidade, tem de certo mais occulto nascimento e baptismo que a Casa dos Bicos, sita no bairro escuro de Alfama, a antiga Judiaria e nova Gibraltar de Lisboa christã.

E todavia teve tal nomeada, chegou a ser tão popular e significativa, que deu mote para um dos nossos tão expressivos anexins, em summa, é casa que ficou em proverbio.

Mas com tudo isto, porque é tão desconhecida e ignorada, até dos nossos velhos e velhas, a origem e fundação d'esta casa, tão singular pela sua frontaria bicuda?

Não o sabemos.

Sabemos porém muitas particularidades curiosas e historicas a respeito d'ella, que descobrimos agora com muito custo, e revolvendo bastante papelada, para explicação e commentario da estampa que hoje publicâmos pela primeira vez, apesar de nos dizerem no sitio, que muitos estrangeiros a tem ido alli desenhar.

Dividiremos em periodos as resoluções que nos parece se podem dar a respeito dos seguintes quesitos, que sobre esta casa singular se devem fazer. Mas primeiramente recapitulemos o que a tradição oral diz da casa dos Bicos.

É voz constante que aquella casa fôra edificada por um ricaço, que a revestíra de cantaria lavrada em bicos faceados, em cuja ponta havia de cravar um diamante. Que estando já a casa na altura do primeiro andar, o governo mandára suspender a obra, não querendo que na cidade houvesse uma casa mais rica e fallada que o palacio real. Que não obstante este embargo, se lhe ficára chamando a «casa dos diamantes», e que com este nome era conhecida no tempo dos Filippes, tanto que quando veiu a Lisboa o II d'estes reis intrusos a fôra ver.

Dizem outros, que no tempo del-rei D. Manuel estivera alli hospedada uma rainha preta, muito rica, que trazia muitos diamantes, e que d'aqui se

formára o anexim de se dizer «não se perca a casa dos bicos», como um thesouro ou a coisa mais preciosa que havia na cidade.

Dizem alguns que a casa foi construida segundo o risco do senhorio, sem impedimento ou embargo por parte do governo; que em cada bico lhe puzera um diamante, só do primeiro andar para cima; que eram diamantes fingidos, mas que toda aquella pedraria rutilava maravilhosamente ao romper do sol que lhe batia de través, porque n'aquelle tempo a frontaria da casa dos Bicos deitava para a praia da ribeira, e até nas aguas vivas se desembarcava mesmo á porta.

Que pelo terremoto é que abatêra, e se incendiára, ficando reduzida ás sobrelojas e armazens, tal qual agora a vemos, e a nossa estampa representa fielmente.

As memorias escriptas chamam-lhe «casa dos diamantes» (D. Francisco Manuel de Mello. *Cart. Fam. Cent.* 2. 98). (*Estrangeiros no Lima* t. 1. 240), mas não dizem se lá os houve ou não.

Dizem mais, que aquella casa fôra de Affonso de Albuquerque, que na porta tinha as suas armas. (*Est. no L. ibid.*), que alli residia este grande conquistador da India portugueza, quando estava em Lisboa, e alli foi nascido e criado seu filho natural, Braz de Albuquerque, que publicou os famosos *Commentarios* de seu pae, e em cuja pessoa el-rei D. Manuel, o ingrato, recompensou mesquinhamente os serviços do valoroso vice-rei.

Até aqui a tradição oral, e o pouco que indirectamente achâmos escripto a respeito da casa dos Bicos.

Vamos agora averiguar por partes ou quesitos o que ha de certo ou provavel em tudo isto.

1.º Quando foi edificada a casa dos Bicos?

2.º Acabou-se ou foi embargada?

3.º Teve ou não teve diamantes?

4.º Se os não teve, porque se chama nos livros impressos «casa dos diamantes»?

5.º Em que tempo residiu n'ella o grande Affonso de Albuquerque?

6.º Porque pertence hoje esta casa a um dos vinculos do antigo secretario de guerra?

7.º Acaso viria parar esta casa á familia dos Albuquerques por alliança matrimonial de algum d'estes fidalgos, como parenta dos ascendentes do doutor Lourenço Martins Bacalhau, appellido illustrado da magistratura portugueza?

8.º Era bacalhoeiro o pae ou avô do doutor Martins Bacalhau, homem rico, como sempre foram entre nós os d'este commercio, e por isso esta casa serve ha seculos de armazem de bacalhau, como quem puxa para os seus e não degenera?

9.º Porque é que a fazenda nacional poz a casa dos Bicos em praça, no tempo da infanta regente?

10.º Como é que por este casebre deu o honrado e já fallecido bacalhoeiro Caetano Lopes da Silva 14:500$000 rs. em praça, e depois lhe foi pedida judicialmente?

11.º Explica-se bem a generosa abnegação com que o dito Caetano Lopes abriu mão da casa dos Bicos, logo que a sua arrematação se poz em litigio, não querendo nunca pedir á fazenda nacional a restituição dos 14 contos, e a sisa que por ella pagára na superintendencia das decimas do bairro d'Alfama? Louva-se a bizaria d'este honrado homem do povo.

12.º Em conclusão, muita parte da tradição e das conjecturas a respeito da casa dos Bicos, virão a *ficar em agua de bacalhau*, genero cujo deposito tem sido ha tantos annos?

É o que os nossos leitores hão de decidir, á vista do que lhes dissermos nos artigos seguintes.

SCENAS DA GUERRA PENINSULAR

(Vid pag. 71)

A MENINA DE VAL-DE-MIL

IV

A PEDRA DO URSO

Despertando n'aquelle dia com os gorgeios matutinos, como costumava, imaginára Ignez que todas as scenas da vespera, a chegada do doutor, a ceia interminavel, e a communicação fulminante do pae á despedida, tinham sido com effeito episodios de um sonho prolongado e afflictivo.

Fugiu-lhe a illusão ante a luz, que lhe entrou n'este breve crepusculo do espirito conturbado.

Era tudo real, e bem real. Se ainda podéra ter duvidas, bastariam para lh'as dissipar as instancias com que a sua aia veiu prevenil-a de que o fidalgo, o hospede, e o abbade esperavam já no refeitorio, nosso conhecido, que ella descesse para o almoço.

Em quanto duraram os preparativos e o penteado, a morgadinha reflectiu profundamente. Se tinha tanto em que!

O moço jurisconsulto incorrêra a seus olhos, n'um delicto enorme: era réo de lesa-cavallaria. Mal o previa elle, que nunca tal achára nos criminalistas!

Não previa, de certo. Tanto não prévia, que, apesar de todas as suas fadigas, a imagem graciosa da donzella não se lhe tirára do sentido. Sonhára tambem o doutor da casa de Royos; mas em vez de pesadêlo, fôra-lhe o sonho uma visão angelical.

Nem por sombras pensava Ignez em desobedecer, ou sequer fazer objecções a seu pae. O que este dissera estava dito, como se fôra um evangelho. Era assim a sua criação, e ainda não tivera onde aprender outra coisa.

A insurreição do seu espirito alcançava unicamente o malfadado noivo. Os mesmos enfeites, a que não era indifferente, lhe pareciam odiosos, considerando-os mal empregados em tal conjunctura.

Mas vão lá decifrar estes mysterios femininos! Apesar dos pesares, não esquecêra á menina de Val-de-mil nenhum dos accessorios que podiam realçar-lhe a natural formosura. Verdade é, que uma ida á villa, e em dia de alardo, festividade que reunia o melhor da comarca, era coisa que sempre merecia attenção.

Não ignorava ella tambem, que seu pae folgava de a ver levar a palma a todas, como elle entre todos primava. Uns dias antes, o bom do capitão-mór chegára a fazer-lhe algumas recommendações áquelle respeito. Provavelmente queria que a morgada, e morgada noiva, apparecesse como quem era, e como o pedia a occasião.

D'estas e outras reflexões que me não atreverei a devassar, resultára sair a menina dos seus quartos radiante como um sol. Ninguem lhe suspeitaria no florido e mimoso da tez, a insomnia causada pelas visões do pavoroso guarda-sol.

Fosse conselho da prudencia, advertencia da razão, ou secreta espectativa, o certo é que se apresentou na sala de jantar, se não contente, ao menos resignada. E linda? Oh! isso linda a fazer estalar de inveja as rosas do jardim, que se debruçavam curiosamente para dentro das janellas abertas.

Os criados, topando-a, não se podiam ter que não exclamassem: «benza-a Deus!» O pae deitou-lhe a benção com um sorriso de orgulhosa satisfação. O abbade, galanteador ao divino, chamou-lhe: *stella matutina*.

Quanto ao doutor, de costume disse nada. Quan-

do porém o acanhamento lhe permittiu contemplar sorrateiramente a morgáda, começou a acreditar que bem podia existir a felicidade em formato differente do folio.

Segundo o uso, fôra o almoço uma breve collação. Ninguem tivera tempo de se enfastiar.

Até áquella hora, bem vê o leitor, não seria temeridade contar que o temporal se afastasse, dispersando estas nuvens passageiras.

O terrivel, o funestissimo, o irremediavel, o fatal, levantou-se nos incidentes da jornada, que no precedente capitulo se relataram. As primeiras impressões modificar-se-hiam; os Bimnardeis seriam desterrados para o paiz dos sonhos, sua patria; o guarda-sol e a mulinha chouteira esqueceriam diante da valia effectiva de um bom marido, como o doutor podia e havia de ser; tudo, em fim, terminaria como o sr. capitão-mór o premeditára... se não fôra a repetição intempestiva das cavallarias do doutor. Não ser n'outra occasião o alardo, ou não se ter o noivo deixado ficar em casa, ainda que fosse com rheumatismo ou catarrho! Estava salvo.

Ha uma coisa que as mulheres — as mais ingenuas e menos reservadas — nunca perdoam aos que as pretendem: é o ridiculo, sobre tudo o ridiculo publico, flagrante, notorio, d'aquelle de que se faz anecdota.

Nem o capitão-mór, nem o doutor sabiam tal. De o não saberem, como se para aquillo mesmo conspirassem, vieram a provocar assim no espirito da morgadinha um invencivel tedio, a bem dizer odio, ao enlace projectado. Se não era ainda resolução de o repellir, incitava umas incertas, mas cada vez mais obstinadas, esperanças de nunca o realisar. Esperanças de ruim agouro são estas, que a muitos fazem desesperados!

No mesmo lance, como se presentira a contrariedade, e a esquivança lhe estimulasse o amor que abrolhava, percorria velozmente o incauto doutor a distancia que separa do pendor o sentimento, subindo os gráos que levam da sympathia á paixão.

Crescia-lhe com tal rapidez este enleio, que ainda não era chegado ao cabo da jornada, e já, incitado da contemplação frequente, veria sem espanto no capêllo de doutor umas azas de Cupido, e o Formulario de Marculfo convertido n'um viveiro de madrigaes.

Permitta-me agora o leitor advertir-lhe que deixámos no caminho o sr. capitão-mór e o seu sequito. Não fôra bem que pessoas de tal categoria e consideração estivessem alli até agora á nossa espera.

No rocio da villa os vamos encontrar a todos; o fidalgo, no seu formoso murzello, á frente da brigada da ordenança; a morgada, o doutor, e o abbade, ás janellas da casa do juiz dos orphãos, que deitam para alli. Saiu o povo da missa do dia; isto é, serão dez para as onze da manhã, e está no seu auge a concurrencia e borborinho.

Ha com effeito um desusado movimento na pacifica povoação. O alardo é a causa sabida da grande affluencia. O fallatorio e agitação vão todavia além do ordinario. Em seu tempo e logar se dirá porque.

A reunião e exercicio geral das ordenanças de cada comarca era uma coisa previdentemente regulada. Mandava o regimento que se exercitassem juntas as companhias duas vezes em cada anno: « uma nas oitavas da Paschoa da Resurreição, outra pelo S. Miguel de setembro » diz formalmente o texto.

Qual dos moços de hoje não ouviu ainda na sua infancia alludir á afamada e infamada *bicha*, de tantos apodos perseguida, e com tanta leviandade chasqueada? Aquella era a bicha em grande, a bicha nos seus dias de gloria, a bicha que por todo esse Portugal se ouriçava de dardos e vomitava fogo, verdadeira bicha de sete cabeças, apenas decepadas logo renascidas, como as da serpente fabulada. Tinha ainda garras e dentes esta bicha-povo, povo das cidades, das villas, das aldeias, dos casaes, todo o povo, em fim, armado por seu nome e seu lar, pela patria e pela independencia, pela independencia que o sabe ser em obras.

E riu elle d'isto — fizeram-n'o rir, ao pobre do povo — sem ver que ria de si mesmo, do seu passado, e talvez do seu futuro!

Oh! rustica milicia de nossos maiores, não rirei eu, que ainda não troquei o respeito da verdade pelas vociferações estupidas e vans, que os parvos e ignorantes julgam bastar aos foros de nação. Quem seria o inventor dos epigrammas insulsos com que te frecharam. Provavelmente algum d'esses que, em suspeitando coisa util e prestante, voluntariamente se incumbe de desempenhar nas modernas sociedades o ignobil cargo, que na sociedade romana exercia forçado o escravo insultador; ou d'ess'outros, nescios malevolos, que reduzem o amor patrio a latir desconchavos contra estrangeiros, provocando a sua indignação ou os seus desdens, sem nunca terem voz para indicar o bem, nem energia para advertir o mal, nem juizo para aconselhar o seu paiz, nem braços sequer para o defender.

Livre-nos Deus dos taes, que são a mais ruim praga das boas instituições e dos grandes intuitos!

N'aquellas motejadas ordenanças estava em grande parte a força e o nervo da nossa antiga e robusta organisação militar. Não era na verdade muito para escarnecer o espectaculo d'um povo lavrador e soldado, que, depondo a enxada, aprendia a menear o arcabuz e a lança, e guiava o arado com a espada á cinta?

Pois foi d'isto que se riram os admiradores dos Martes de figurino. Por isso ficaram com o riso alvar, com as lastimas serodias, e a nacionalidade de palavradas.

Não tinham seguramente um aspecto brilhantemente militar essas multidões bisonhas; mas as mãos que sopesavam as armas, calejadas do trabalho, feriam rijo quando se tratava de guardar a terra que haviam amanhado, e onde lhes pousava o que mais incita o homem — a saudade e a esperança, o coração e a fortuna, as campas e as searas!...

Providenciava o regimento com admiravel ordem e intelligencia a composição e distribuição d'estas hostes populares; a instrucção parcial e successiva que haviam de receber sem prejudicar o serviço das lavouras; e as epochas da sua concentração nos respectivos districtos.

Mudou o mechanismo dos exercitos, e trouxe outras necessidades. Tão acertado era porém o systema, que ficou ainda servindo efficazmente com ministrar e ter continuadamente prestes subsidios poderosos de guarnição, de postos, de communicação, de aprovisionamento, e de defesa local, permittindo mobilisar completamente o exercito regular e uma grande parte das forças auxiliares da segunda linha.

A gente chamada da ordenança comprehendia todos os homens válidos, dos dezoito aos sessenta annos, que possuissem um determinado censo. A estes homens incumbia conservar determinadas armas, tambem em proporção dos seus haveres.

Tendo todos um interesse de propriedade, não havia o perigo de degenerarem taes legiões em instrumentos de anarchia nem de oppressão.

Primitivamente dividiam-se ellas em terços. Modernamente a designação de terço foi substituida pela de brigada. Cada brigada, ao mando de um capitão-mór, subdividia-se em tantas bandeiras, ou

companhias, quantas comportava a população apta da comarca. Para completar uma companhia, ou bandeira, eram necessarias dez esquadras. Vinte e cinco homens formavam uma esquadra, commandada pelo seu respectivo cabo.

D'aqui veiu a denominação de cabo-d'esquadra, ainda hoje subsistente no exercito.

Assim, as bandeiras contavam duzentos e cincoenta homens, um capitão, um alferes e sargento, além dos dez cabos, e um tambor, criado do commandante da companhia, que era obrigado a mantel-o, e mandal-o ensinar, como onus correspondente ás preeminencias que lhe dava o posto.

A escolha dos officiaes das companhias, bem como a do capitão-mór, quando não era alcaide-mór ou senhor donatario, fazia-se por *nombramento*, ou eleição em camara, na presença do corregedor ou provedor da comarca. Tinha, além d'isto, cada companhia o seu meirinho e um escrivão para a competente policia, repressão das infracções, e execução das disposições penaes.

No impedimento do capitão-mór commandava a brigada, ou reunião das companhias districtaes, o sargento-mór, seu immediato em auctoridade, assim como nas bandeiras o alferes suppria a ausencia do capitão respectivo.

A instrucção era ordenada pelo modo seguinte.

De oito em oito dias, ao domingo ou dia santo, exercitavam-se duas esquadras de cada bandeira. Uma vez no mez, em egual dia, a bandeira toda; duas vezes por anno a brigada completa. Estes exercicios consistiam no manejo do pique, ou lança, e da espingarda de pedreneira, substituida pela provisão de 1758 ao antigo arcabuz, determinado no regimento originario.

As faltas e contravenções disciplinares eram castigadas com multas em dinheiro, de cincoenta a cem réis nas culpas leves, e de quinhentos réis para cima, além do encarceramento e degredo temporario para fóra do termo do concelho, nas reincidencias e delictos graves. O producto d'estas multas, reunido n'um cofre especial, era applicado a comprar as munições que se gastavam nos exercicios, e a satisfazer os premios estabelecidos para os mais destros e sollicitos.

Nos exercicios mensaes cumpria aos capitães mandar « fazer barreira »; isto é, designar ou erigir uma balisa para atirar ao alvo. Cada espingardeiro havia de disparar um tiro « por obrigação » O atirador que acertava no alvo tinha por premio um tostão, e ao que em melhor estado de conservação e limpeza apresentava o pique, ou espada, competia meio tostão.

Raramente os atiradores se limitavam ao tiro da ordenança. Os exercicios eram assim verdadeiras luctas de emulação e rivalidade, em que ainda os menos abastados não duvidavam municiar-se mais largamente á sua custa, para sustentar cada qual os creditos que adquirira, ou esperava ganhar em taes porfias. Esta fôra de certo a mente do legislador, que a um tempo conseguia dois fins: excitar o amor proprio, e tirar o peso ao encargo convertendo-o em recreio viril.

Nos dias de alardo, que eram dias de alvoroço e de festa pelas epochas do anno em que se celebravam e pela concurrencia que attrahiam, a influencia nos exercicios, como se póde suppôr, subia de ponto. Todos se preparavam com anticipação e empenho para fazer sobresair a sua destreza n'esta especie de justa, ou concurso, como ainda hoje é vulgar nos burgos do Tyrol, e em muitas povoações da Suissa.

Além d'estas companhias de infantes, havia outras de cavallo, correspondentes a mais alta qualificação, e a um censo mais elevado.

Tal era a ordenança, que por muito tempo constituira a resistente salvaguarda do paiz, e que desde 1570 conservava no povo a pratica das armas, estimulando regradamente o uso e serviço d'ellas.

Na epocha d'esta narração os rigores do regimento tinham na verdade afrouxado em mais de um ponto, dando logar a degenerações e abusos reprehensiveis. Contra esses abusos — e só contra elles — se devia porém ter satyrisado e legislado, não abrogando, senão reformando, a solida traça e structura d'esta grande machina, que era ao mesmo tempo uma possante instituição liberal: modificando-a no que fosse conveniente para acompanhar os progressos da arte militar, poder-se-hia crear com ella um vasto corpo imitante á *landwer* prussiana, de que não differia muito.

Com o seu genio, indole, e criação, o fidalgo de Val-de-mil não era homem de consentir, e menos de auctorisar aquelles abusos. Na sua brigada as antigas praticas seguiam-se ainda com extrema severidade.

Em observancia de um uso tradicional na localidade, a brigada de Murça, antes de marchar para o exercicio, reunia-se no rocio da villa.

É este um largo espaçoso. Fica-lhe na extremidade uma especie de padrão, que chamavam d'antes a pedra do urso. Alterou-se com os tempos esta designação; mas ainda lá existe a lapida, e ainda alli é conhecida pelo nome mais prosaico de « porca da praça » A figura do animal representado é de uma esculptura tão grosseira, e está de tal modo carcomida e gasta, que póde acreditar qualquer nome e versão.

Em todo o caso, é monumento de antiguidade, e a lenda popular dá-lhe uma origem curiosa.

É fama que os primitivos senhores da villa, progenitores da familia Guedes, tendo sido expulsos pela invasão sarracena, se refugiaram, como outros muitos, nas montanhas de Burgos. Pelos fins do seculo VIII, começando já a resurgir a christandade na Hespanha, voltaram os seus descendentes a reconquistar o perdido patrimonio. Ganharam-n'o com effeito; mas acharam os campos cobertos de matto e infestados de ursos. Os ursos destruiam as colmêas, unica industria que ficára aos raros colonos sobreviventes n'aquelle territorio devastado.

A indolencia administrativa dos conquistadores mauritanos dá plausibilidade á tradição.

Depois de vencerem os homens, moveram os destemidos cavalleiros crua guerra ás feras. E tanto montearam, tanto repetiram as montarias, que lograram extinguir a raça damninha. Os moradores agradecidos, em memoria do feito e beneficio, obrigaram-se a pagar-lhes annualmente tres arrateis de cera cada um, além dos mais foros em generos e dinheiro.

A lenda póde ser apocrypha: quanto ao fôro não o foi durante muitos seculos.

Não seria para admirar que todas aquellas brenhas e asperezas, mal povoadas de homens com tantas guerras assoladoras, se repovoassem de animaes ferozes, como as antigas selvas que hoje são Douro e Beira, como as mattas e paúes onde actualmente se levanta a immensa casaria da Babylonia chamada Paris.

Verdadeira ou falsa a tradição, a pedra do urso conservou por muito tempo uma tal ou qual memoria dos principios que lhe attribuem. Em quanto os donatarios da villa concorreram ás guerras com gente de seu soldo, não tinham validade os arrolamentos não sendo feitos ao pé d'aquelle padrão.

Provavelmente, uma remota analogia perpetuára o costume de fazer tambem junto á velha lapida a chamada das companhias nos dias de alardo.

O fidalgo de Val-de-mil, escrupuloso respeitador dos estilos herdados, mantinha este costume em todo o seu vigor; e a famosa pedra do urso retemperava todos os annos n'estas solemnidades as suas remotas glorias.

MENDES LEAL JUNIOR

A COBRA CASCAVEL

Tão perigosa como a serpente negra da Nova-Galles do Sul é de certo a serpente cascavel; não ha veneno mais activo que o seu veneno, nem halito mais empestado que o seu bafo.

Esta serpente tem de comprimento cinco ou seis pés, e de circunferencia de um pé a dezoito pollegadas. Os olhos brilham-lhe sempre, mesmo nas trevas. A cabeça é chata e com escamas, assim como o dorso, que representa a côr cinzenta-amarellada. A guela tem de tres e meia a quatro pollegadas de contorno; a lingua é negra, solta, fendida, e move-se com singular volubilidade. Os dentes são curvos e ocos, e a presa que elles subjeitam não poderá escapar-se; além d'isso, a peçonha derramada do queixo superior teria o cuidado de anniquilal-a. Debaixo da pelle que reveste o queixo superior, ha vesiculas, ou bolhas, onde o veneno se accumula. A cauda da serpente cascavel é guarnecida de escamas sonoras que, roçando-se umas contra as outras, produzem um ruido tão sensivel, que se ouve a sessenta passos de distancia. Similha o ruido que

A cobra cascavel

faz o pergaminho quando se enrola agitando-o; ou que produz dois seixos esfregando-os. Os movimentos do perigoso reptil operam-se com tal rapidez, que ha difficuldade em comprehendel-os. N'um instante a serpente enrosca-se, apoia-se na cauda, arremessa-se como frecha, contra a victima, fere-a e foge em seguida, porque receia a vingança do adversario.

A mordedura d'este reptil mata em dois minutos.

E difficil averiguar precisamente se a serpente cascavel, depois de morder uma vez, dará a morte com segunda mordedura. Suppõe-se demonstrado, segundo o que os negros affirmam, que a segunda ferida é menos perigosa que a primeira; e a terceira, sendo feita com intervallo de uma hora, não apresentaria muita gravidade. Acredita-se geralmente na Martinica, que muitos negros tem remedios contra a mordedura do reptil. Conta, por exemplo, um viajante, que viu um escravo a quem a serpente cascavel mordêra na perna, e que, depois de o esfregarem energicamente com certa mistura de folhas que trazia sempre comsigo, nunca adoecêra d'essa ferida. Isto, porém, é excepcional; comtudo, sabe-se que o veneno da cascavel tem effeito mais rapido no sangue do branco, que no do preto. Em todo o caso o perigo existe, e é mister evital-o.

A serpente de cascavel assalta os cidadãos nas suas moradas, e vem provocal-os no seio de seus re-

fugios! Com o auxilio de archotes e de grande ruido, consegue-se afastar estas serpentes das habitações, e é assim que se preservam dos seus ataques os negros empregados no córte da canna de assucar, sobre tudo quando tem de passar as noites no campo. Ha escravos, como o que a nossa estampa representa, que não receiam atacar de frente a cascavel; armados do archote, que lhes serve para as estontear, e com a espada cortam-na em duas. Outros empregam dois archotes: em quanto lhe apresentam um d'elles para a entontecer, com o outro queimam o reptil, ou obrigam-no a fugir. O meio mais conhecido para se desfazer de tão perigoso adversario, é o de surprehendel-o no momento em que, estendido no tronco de uma arvore, se baba aos ardores do sol. Violenta pancada com vareta de espinguarda, ou qualquer instrumento, partiu-lhe um dos anneis, embaraçou-lhe os movimentos, e o reptil, assim ferido, morre em horriveis convulsões.

Segundo uma notavel descripção feita por Arago[1], alguns caçadores tem um methodo simples, e de facil execução, com o qual se expõem menos aos ataques mortiferos da serpente de cascavel. Consiste em armar, no sitio em que o reptil costuma repousar, uma gaiola cuja porta esteja aberta. Mettem-lhe dentro um rato, lagarto ou passaro, que prendem para servir de negaça. Assim que a serpente descobre a presa, lança-se para ella, e quando principia a devoral-a, o caçador, occulto com alguma arvore, puxa, por meio de uma corda, a porta da gaiola; o reptil ficou recluso. Este methodo, porém, apresenta um inconveniente. Como a serpente de cascavel põe ás vezes mais de um mez de lapso entre uma e outra comida, facil é de comprehender que taes caçadas são pouco mortiferas, e que seriam necessarios seculos para despovoar uma colonia d'estes temiveis habitantes, se a necessidade da segurança pessoal não viesse efficazmente auxiliar o colono em tal empenho.

Entre nós ha um proverbio tirado do som que faz a cauda d'esta cobra, que é: «Dos ruges-ruges se fazem os cascaveis.» Como quem diz, de leves rumores nascem grandes revoluções; e de simples boatos grandes novidades.

Tambem por analogia se chamava aos homens que na alfandega punham arcos nas barricas e caixas de assucar, cascaveis.

[1] *Chasse aux bêtes féroces* — pag. 58.

AS MAIORES ARVORES DO MUNDO

O boabab de Adanson (cabaceiro, de Cabo-Verde) — O olmo de Morges — O carvalho de Salcey — O castanheiro de Neuve-Celle — O dragoeiro de Orotava — O castanheiro de Esaú — O carvalho de Allouville — Algumas outras arvores que se mencionam apenas

(Conclusão Vid pag. 63)

X

Principiámos na Europa, devemos acabar na Europa.

Chegámos ao Delphinado, porto de Montclimart, e estamos vendo um grande castanheiro, a que chamam, ignorâmos por que, o castanheiro de Esaú. Está decotado e arruinado; é, com effeito, uma ruina, porém bella, magestosa, digna de respeito. Perdeu a folhagem, e hoje admiramol-o só como um velho calvo.

Tem 9 metros de circunferencia n'altura de um homem, 11 metros na base, e 13 metros contando com o volume das raizes. O castanheiro é de uma só peça; as fendas não lhe alteram o conjuncto; podem estas considerar-se como as rugas da velhice. Muitos ramos estão meio sêccos; outros fórmam lindos frondes, renovos magnificos, e massas opulentas em certos pontos de vista.

Não deixou de florescer e fructificar. Todos os annos colhem, n'aquelles ramos encortiçados, grande abundancia de castanhas. De alguns renovos póde até dizer-se que, pela sua verdura, annunciam a mocidade da arvore, porém são quasi todos estereis (fig. X).

XI

Acabemos pelo carvalho, a arvore que meu pae estimava, e que eu amo com predilecção, porque é o verdadeiro symbolo da força d'alma.

Vamos a Allouville, e entremos no cemiterio. Este carvalho vive das reliquias da morte. Quantos cadaveres humanos terão alimentado o curso da sua seiva para lhe formar o tronco, as folhas, os ramos e as boletas! Quantos corpos humanos terão revivido e revivem ainda n'esta massa vegetal!

O tronco tem 30 pés de circunferencia na terra (10 metros), e 24 pés n'altura de um homem. Ramos magnificos, sombra opulenta.

Os antiquarios da provincia occuparam-se do carvalho d'Allouville, e descobriram que não tem menos de 900 annos de existencia.

Construiram-lhe no cimo, segundo representa a fig. XI, um campanario que está quasi escondido na folhagem. A torre cobre uma cella de anachoreta.

A parte inferior do tronco é sufficientemente cavada para se armar em capella, e receber um altar, que o padre Détroit, parocho d'Allouville, dedicou á Virgem.

Grandes personagens tem tido a honra de orar alli por alguns minutos, e assentar-se á sombra do magestoso carvalho. As tradições celebram-n'o; os trovadores cantam-n'o; as tempestades tem-n'o insultado; o raio não deixou de feril-o; mas elle resiste egualmente impassivel ás glorificações e ás injurias.

Que nos resta agora? O castanheiro de Prévarange, plantado ha tres seculos, alguns annos depois da *Saint-Barthélemy*, e tendo já 4 metros de circunferencia? A faia do Mont-Blanc, perto de Dolonne, conhecida pelo nome de *guarda-das-camurças*, porque estes animaes ahi se refugiam durante o inverno, e porque tem de circuito 7½ metros? O carvalho de S. Luiz? Aquell'outro de Neufchâteau? O olmo de Saint-Gervais, onde se satisfaziam, em Paris, os direitos feudaes, e que já não existe? O bordo de Matibo, que o que tem de notavel é a fórma artistica que lhe deu um homem de mau gosto, chegando a fazer d'elle uma casa de dois andares, cercados de ninhos de passaros, e em cada um dos quaes ha um quarto com oito janellas para vinte pessoas? A arvore dos Sete-irmãos da floresta de Cotterets, por causa dos sete grossos ramos que sustentam um tecto? O cypreste de Chapultopes, na America, que deve ter, segundo De Candolle, seis mil annos de existencia? Etc., etc.

Não, tudo isso não é digno das nossas explorações depois das arvores gigantes que visitámos. Sería melhor vermos, n'este instante, a infeliz acacia de Robin do Jardim-das-plantas, em Paris, plantada em 1635, um seculo antes do cedro de Jussieu, mãe, póde dizer-se, de todas as acacias hoje existentes na Europa. É simples, e não tem a sua belleza, mas inspira respeito e gratidão, assim como o primeiro dos *séphoras* do Japão, que vivia ao pé da acacia, e a precedeu na morte.

Deixemos todas as celebridades que não tiram, como as precedentes, o seu merito da propria natureza. Desejo unicamente, e em conclusão, deixar-

vos os retratos do castanheiro Robinson d'Aulnay, celebre em Paris, e do carvalho de Dannevoux, em Meuse, para que vos sirvam de pontos de comparação, pela relativa pequenez, com os gigantes que vos mostrei. Vêde, portanto, as figuras XII e XIII, quasi imperceptiveis, e que não merecem, na minha opinião, fazer parte do circulo limitado dos eleitos. — LE NOIRE,

*

Terminada esta mui curiosa noticia das grandes e historicas arvores do mundo, não podêmos deixar de lastimar que a nossa descuriosidade, ou mais ainda, o natural desleixo, não haja tambem feito resenha das arvores seculares que temos em Portugal e suas possessões.

Entre todas merece ir aqui posta em appendice, e na conserva de suas coevas estrangeiras, o carvalho do solar de Barbosa, em Penafiel.

É antiquissimo, e dizem que da fundação da monarchia. Está quasi privado dos prolongados ramos que tinha, e nos que ainda lhe coroam a veneranda cimeira, poucas folhas se lhe descobrem, pois são tão raras como as cãs do ancião já chegado aos extremos da segunda infancia.

O tronco, porém, é formidavel e robusto. Tem 10 metros de circunferencia; no centro lhe fizeram, ou fez o tempo, uma caverna enorme, no meio da qual havia uma mesa de pedra com assentos á roda, onde jogavam os senhores do solar de Barbosa; e a tradição diz que alli se administrava a justiça áquelles povos.

Está este carvalho monumental no solar dos Barbosas, de quem descende o actual possuidor, o sr. Malafaia, progenie do que tanto se assignalou na tomada de Ceuta, em recompensa do que lhe deu el-rei D. João I este solar e honra de Barbosa.

D'esta arvore secular deu já o *Panorama* de 1844 uma gravura, desenhada pelo sr. S. Rodrigues Ferreira, de Penafiel.

ANTIGUIDADES NACIONAES

SUBORNO ELEITORAL EM 1735

A seguinte provisão do antigo desembargo do paço mostra que os subornos e venalidades que hoje estranhâmos nas eleições dos deputados, havia egualmente nas irmandades religiosas dos homens de officio. A mesma coisa, sem tirar nem pôr!

Justo é, que assim como apresentâmos exemplos honrosos de nossos avós, para os imitarmos, não occultemos aquelles que servem para mostrar que nem todos os vicios moraes e politicos são exclusivos dos nossos tempos, e que tambem ha muito dos antigos que reprovar.

Lêa-se a provisão.

Dom João (V) por graça de Deus rei de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar; em Africa, senhor de Guiné, etc. Faço saber, que o juiz e mais irmãos da mesa do glorioso patriarcha S. José, d'esta cidade, sita na sua mesma casa, me representaram por sua petição, que concedendo-lhes o seu compromisso, que a eleição que se fazia para os cargos da bandeira do officio de pedreiro, fosse por votos ou por sortes, elles até ao presente fizeram a sua eleição por votos, porém agora reconheciam e experimentavam o grande prejuizo e indecencia que se seguia do dito modo de eleger, *pois se peitavam os officiaes, comprando-lhes os votos, e dando-lhes para este effeito creditos amplos em casas de pasto, de que resultava serem eleitos os que tinham mais cabedaes, e não os benemeritos*, o que redundava em grande prejuizo e descredito de toda a irmandade.

E sendo chamados á mesa os officiaes que n'ella tinham servido, resolveram por unanime consentimento, como constava da certidão que offereciam, fazerem a dita eleição por sortes, o que até aqui fôra por votos, e saindo os eleitos por sortes, estes não poderiam fazer mordomo, senão aquelle official que tivesse servido na mesa do Santo dois ou tres cargos, pela falta que havia de os servirem.

Posto que o dito compromisso lhes concedia a faculdade de escolherem o modo mais conveniente de fazerem a dita eleição, porque temiam que alguns orgulhosos não quizessem consentir n'esta mudança, não obstante ser feita pela mesa, e pela maior parte da irmandade: me pediam, que attendendo ás justissimas razões que allegavam, lhes fizesse mercê de lhes confirmar o modo de eleger por sortes, e que os eleitos não fizessem mordomo, para ir á casa dos Vinte-e-Quatro sem primeiro ter servido dois ou tres cargos na mesa do Santo, determinando eu se fizesse a dita eleição da maneira e fórma que constava da certidão que offereciam. E visto o que allegaram, e informação que se houve pelo juiz dos orphãos da repartição de Alfama, servindo pelo corregedor do civil d'estas cidades, Simão da Fonseca de Sequeira, e resposta do procurador da minha coroa, a que se deu vista, e respondeu que o assento feito pelos supplicantes, juizes, e irmãos da mesa, e definidores, parecia muito justo, e que a fim de extinguirem subornos e parcialidades, se podia confirmar por mim, para ter firmeza:

Hei por bem fazer mercê aos supplicantes de lhes confirmar, como por esta lhes confirmo, e hei por confirmado, o accordão que fizeram para eleger por sortes os eleitos, e que estes não fizessem mordomo para ir á casa dos Vinte-e-Quatro sem primeiro ter servido dois ou tres cargos na mesa do Santo, na fórma e maneira que no dito accordão se continha.

E esta provisão se cumprirá como n'ella se contém, etc.

El-rei nosso senhor o mandou pelos DD. Gregorio Pereira Fidalgo da Silveira, e Antonio Teixeira Alvares, ambos do seu conselho, e seus desembargadores do paço. José da Costa Pedroso a fez em Lisboa occidental aos 26 de outubro de mil setecentos e trinta e cinco annos. De feitio d'esta quatrocentos réis — Gonçalo Francisco da Costa de Soutomaior a subscreveu. *Gregorio Pereira Fidalgo da Silveira — Antonio Teixeira Alvares — José Vaz de Carvalho.*

GUERRA Á CHINA

A China, mais que nenhuma outra região, tem sempre dado thema para largas disputações, para copiosos volumes e multiplicadas viagens, em virtude da singularidade do seu viver, da antiguidade da sua industria, da riqueza e abundancia das suas producções.

Mas hoje ainda mais fallada está sendo essa grandissima região, porque os dois colossos da Europa, a França e a Inglaterra, se encaminham, pelas suas esquadras, contra o celeste imperio, a fim de vingarem o ultrage da bandeira, e a morte de alguns subditos d'estas duas potencias.

Esta guerra da China desenha-se já com sombrias côres, porque a innata covardia dos chins vae desapparecendo, visto que a sciencia das armas achou

alli accesso primeiro que as outras artes, a que podia dever a sua civilisação.

Quando a pag. 64 do num. 8 dissemos que o imperio da China contava os seus 360 milhões de habitantes, não tinhamos presente o relatorio do almirante Seymour, o qual dando conta da tomada de Cantão em 1856 pela esquadra ingleza, diz que achára no palacio do vice-rei o recenseamento do imperio e suas colonias, mandado fazer pelo imperador Hien-Toung em 1852, por onde constava officialmente que o imperio continha 396 milhões de habitantes. E n'uma viagem mais recente lemos que a China terá hoje 400 milhões de almas, mais da terça parte da população total do globo! O que prova, que não obstante ter o imperio da China 680 leguas quadradas de superficie, é o paiz mais populoso do mundo.

Não ha muitos annos que na China havia um meio mui facil de fazer a estatistica da população, porque todos os chefes de familia eram obrigados a ter á porta uma relação das pessoas que tinham em casa. Ignorâmos se este uso subsiste.

D'este excesso de população resulta a miseria, indolencia e propensão para o roubo, que caracterisa os chins. A emigração augmenta de anno para anno, e estes colonos, denominados *cules*, vão substituir os negros nos trabalhos agricolas, principalmente na America do sul, onde váe dando vantagem a sua colonisação. Nas nossas possessões da India ha muitos *cules* empregados no serviço domestico, e agora, em grande escala, nas obras publicas, estradas, etc.

Mandarim chinez

Como já dissemos no artigo antecedente, os missionarios portuguezes foram os primeiros europeus que penetraram na China, e que lhe pozeram este nome, pelo qual é hoje conhecido geralmente o celeste imperio, porque o seu nome chinez é *Tamim*, que quer dizer reino da luz. N'esses escriptores, quasi todos classicos da lingua, podem os curiosos de noções historicas buscar amplas noticias do caracter, religião, usos e costumes dos chins, que não tem ainda variado, apesar dos esforços que a Russia, França, Inglaterra e os Estados-Unidos, ora por vias de commercio, ora pelas de guerra, tem empregado para abrir relações com aquelle potentado, e fazel-o entrar na communhão européa.

O padre Manuel Bernardes, fallando de varios usos extravagantes da gente chim, diz com muita graça e mimosa phrase: «Os chinas havendo de fallar ao seu rei em algum negocio, levam escriptas as formaes palavras que lhe hão de propor, em uma taboinha de marfim, a qual entretanto tem levantada diante da boca, e serve de bordão á memoria, se resvalar com a turbação, e juntamente serve de anteparo ao bafo, que seria desattenção barbara, se a pessoa real chegasse a sentil-o. Tão cristallinas costumam ser as magestades, que até do bafo dos pretendentes se empanam!»

A figura chineza, que hoje apresentâmos, é a de um mandarim que ultimamente esteve em Paris, especie de constructor naval, que suppomos veiu ver os estaleiros da Europa.

Em 1853 vieram a Lisboa dois chins, christãos, deputados pelos seus correligionarios ao rei de Portugal para lhe pedir um bispo para a christandade portugueza da China. Um teria os seus cincoenta annos, o outro vinte e dois. Aquelle era casado, este solteiro, e destinava-se ao estado ecclesiastico. Chamava-se o mais velho Leo, e o moço Li. Ambos se explicavam em latim principalmente o rapaz, como tivemos occasião de verificar n'algumas conversações com elle. Este acha-se actualmente no seminario de Santarem, o outro regressou para a China, sem comtudo obter o despacho que veiu sollicitar, em consequencia das negociações então pendentes com a santa Sé a respeito do padroado do Oriente.

Em quanto estiveram em Lisboa, foram apresentados no paço e em differentes casas titulares. Foram ao theatro de S. Carlos, ás cortes, e a um baile do Club, que foi o que mais os escandalisou, por verem lá as damas decotadas, e misturadas com os homens a dançar.

É sabido que os chins não admittem as mulheres nos seus actos sociaes, e dão-lhe tão pouca importancia, que nem os maridos de certa ordem comem com suas esposas e filhas á mesa!

Devemos dizer aos leitores que soffram, (quando não approvem) o que não só soffreu mas approvou a antiguidade nos livros do seu tempo.

*

É prerogativa dos talentos sublimes, gozarem de mutua relação de idéas, que umas com outras fidelissimamente se correspondem.

D. Francisco Manoel de Mello

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — palacio do conde de Sampaio.